



EMPODERAMENTO DE VOZ AUTORAL HISTORICAMENTE SUBALTERNIZADA: A IDENTIDADE INDÍGENA PATAXÓ FALA À ALDEIA GLOBAL VIA PERCURSO TRADUTÓRIO

EMPOWERMENT OF AN AUTHORIAL VOICE HISTORICALLY MADE SUBALTERN: THE INDIGENOUS PATAXÓ IDENTITY SPEAKS TO THE GLOBAL VILLAGE VIA TRANSLATIONAL PATHWAY

Vicente Santos Mendes¹

RESUMO

Nossa tradução para o inglês de um livro escrito por uma Cacique indígena brasileira como orientação científica a um estudante de graduação confere maior visibilidade ao lugar de fala da autora. Além disso, descortina a dinâmica de como ela e seus pares buscam preservar sua essência indígena Pataxó ancestral ou seu modo de vida tradicional Pataxó de descendentes dos povos originários do Brasil. O texto dialoga com uma força motriz do periódico desde SOUZA (2016) até OLIVEIRA; COSTA (2021), ao reforçar o quão crucial, sobretudo no atual cenário brasileiro, é reafirmar, politicamente, a etnicidade do Ser sob a perspectiva indigenista.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade. Visibilidade. Patxohã. Interculturalidade. Inglês como Língua Internacional.

¹ Doutor em Linguística Geral pela Universität Hamburg. Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: vicentemendesphdufsb@gmail.com.





ABSTRACT

Our translation into English of a book written by a Brazilian Native Indian Chief as an undergrad student's scientific orientation confers more visibility to the female author's speech locus. Moreover, it unveils the dynamics of how she and her peers seek to preserve their indigenous Pataxó essence or their traditional Pataxó way of life as descendants of the originary peoples of Brazil. The text dialogues with a driving force behind the journal from SOUZA (2016) up to OLIVEIRA; COSTA (2021), as it buttresses how crucial it is, above all in the current Brazilian scenery, to reaffirm, politically, the ethnicity of Being, from the indigenist perspective.

KEYWORDS

Identity. Visibility. Patxohã. Interculturality. English as an International Language

INTRODUÇÃO

Este texto tece reflexões sobre um projeto de pesquisa que concluímos em 2019 – Mendes (2018) – e revela um desdobramento dele que não fora sequer pensado quando de sua proposição: A identidade indígena Pataxó enquanto essência preservada ou perdida, ou parcialmente ambas, dadas as contingências a que, historicamente, o Povo Pataxó foi submetido. Sua estrutura será: Apresentar de forma sucinta Mendes (2018) (premissas basilares e ancoragem investigativa); ponderar sobre como suas linhas mestras trazem à tona os complexos conceitos de “cultura” e de “interculturalidade”; e abrir para a problemática da identidade indígena Pataxó por trás da língua-cultura Patxohã a partir do livro da Cacique da Reserva da Jaqueira que traduzimos para o Inglês Língua Internacional, dando assim uma visibilidade maior à voz autoral da Cacique e ao lugar de fala de sua Gente/Etnia, perseguidos, como buscaremos demonstrar, por ela e seus pares, os parentes, conquista após conquista, dia após dia, luta após luta.



O PONTO DE PARTIDA

Mendes (2018) foi desenvolvido enquanto projeto de orientação de iniciação científica e teve como bolsista voluntário o estudante Ítalo Novaes Rocha Rodrigues, do Bacharelado Interdisciplinar em Artes da UFSB. A iniciativa se inseriu na linha de pesquisa “Narrativas, Linguagens e Educação” do Grupo de Pesquisa “Histórias de Vida e Dinâmicas Interdisciplinares”, liderado pela Profa. Dra. Christianne Benatti Rochebois. Sua pertinência a essa linha de pesquisa se dá pelo fato de a empreitada abordar a narrativa / biografia languageira / história de vida da Cacique da Reserva da Jaqueira, Nytnawã Pataxó (PASSEGGI; VICENTINI; SOUZA, 2013; BAKER 2018; LEITE *et al.*, 2019), no intuito de aumentar sua inserção no manancial de bens da cultura letrada, reforçando sua tessitura discursiva no âmbito da educação nacional, bem como colocando-a em contato com um público internacional, por traduzir a obra para a língua franca no mundo hoje (SIQUEIRA; BARROS, 2013; RAJAGOPALAN, 2018). A narrativa da Cacique nos conta uma trajetória de vida que revela uma marca identitária indígena no entrelugar das culturas Pataxó e brasileira. Mendes (2018) objetivou abrir tal subjetividade para o mundo, ao descortinar essa biografia languageira para o planeta, mediante sua tradução para o Inglês Língua Franca.

A premissa basilar da investigação apoiou-se no funcionalismo de Nord (1991, 1994, 2005), Mason (2005), ao entender a função pragmática da tradução como o seu propósito comunicativo intercultural. A tarefa do tradutor é detectar que propósito comunicativo na cultura fonte o texto na língua fonte se presta a perpassar e conseguir transladar esse mesmo propósito comunicativo na cultura alvo através do texto vertido para a língua alvo. Não se tratava, corolário, de transpor palavras, expressões, sentenças

ou períodos de uma língua para a outra, mas sim de lograr suscitar, nos membros da cultura alvo, a partir do texto traduzido para a língua alvo, as mesmas potencialidades de reações que os signos em língua fonte evocam como construção corporificada de significado na cultura fonte. Assim, o estudante bolsista de Mendes (2018) foi levado a descortinar a língua-cultura Patxohã-Pataxó que subjazem ao volume redigido pela Cacique Nytnawã, e abrir uma janela para o mundo, ao traduzi-lo para a língua franca da aldeia global hoje. Uma vez que o livro de Nytnawã Pataxó (2011) não se encontra disponível em meio digital, e sua edição física encontra-se esgotada, torna-se pertinente a sua reedição bilíngue, como a que almejamos materializar.

São 2 as linhas mestras de Mendes (2018). Primeiro, a certeza de que a tradução está invariavelmente sediada na indissociabilidade língua-cultura conforme argumentam Nord (1991, 2005), Bassnett; Trivedi (1999), Jakobson (2000), Warschauer (2000), Fagundes (2001), Oliveira-Agra (2007), Hinojosa; Lima (2008), Valente (2010), Hatje-Faggion *et al.* (2012), Maximiano (2012), Melo (2012), Demeurt (2013), Gomes (2014) e Trivedi; Mendes (2019). Não há como separar língua de cultura. Toda língua é a manifestação principal de uma cultura, e toda cultura se individualiza eminentemente através de uma língua, da expressão da especificidade de um povo revelada por uma língua natural particular, além, evidentemente, de dinâmicas semióticas engatilhadas por outras linguagens (artes, moda, gestualidade, culinária etc.). Segundo, a valorização da geografia nova de Milton Santos (2021), com efeito, no conjunto de sua obra como um todo, e nossa tentativa de ajudar a implementá-la mediante a ecologia de saberes, conforme sustenta Boaventura de Sousa Santos (2007). A língua Patxohã e a cultura Pataxó estão em pé de igualdade com as línguas-culturas portuguesa e inglesa, se nos dispusermos

a/soubermos atentar para a sua riqueza sociológico-antropológica. Milton Santos nos conclama a fundarmos essa geografia nova, baseada no elemento que, sob a perspectiva do hemisfério sul, historicamente foi subalternizado. Já Sousa Santos (2007) nos convida a fazer com que o saber não/pouco/ menos formal da Cacique da Reserva da Jaqueira ganhe asas e alce voos bem mais altos a partir de sua tradução para o inglês do que sua edição no livro em português já esgotada lhe proporcionou. Rompe-se mais radicalmente com as dicotomias abissais impregnadas no binômio colonizador *versus* elemento autóctone e horizontaliza-se o valor da língua Patxohã e cultura Pataxó com suas equivalentes anglófonas, além das lusófonas.

Tais linhas mestras desembocam nos conceitos poliédricos de ‘cultura’ e ‘interculturalidade’, tratados na seção a seguir. Note, leitor, que não nos predispusemos neste trabalho a enveredar por discussões teóricas aprofundadas, demonstrando o quão defender cultura como essencialismo identitário está superado, em detrimento de uma abordagem mais contemporânea que trata a cultura como força motriz dinâmica da sociedade, em decorrência das interações hodiernas entre grupos/comunidades continuamente em contato, nem pela relação desse fluxo processual com o fazer tradutório. Tampouco foi nossa intenção elucubrar a respeito da filosofia/história da linguagem à-la Julia Kristeva (1974 e alhures), ou ainda tecer ponderações deveras consubstanciadas em torno do imbricamento entre a etnografia da tradução e o labor do tradutor, em descrições epistemologicamente densas e consistentes de tais meandros, conforme nos sugeriu um parecerista anônimo de um renomado periódico catarinense de Florianópolis que se especializa nessa área do conhecimento, fosse seguindo Matos (1995), Genzler (2001), Buden *et al.* (2009), Munday (2016), Viana (2021), ou qualquer outro pensador(a).



Nosso intuito aqui, despretensiosamente, é fazer um relato de experiência a partir de um projeto de iniciação científica concluído na IFES em que vimos atuando desde 2015, Mendes (2018), e divulgar, com isso, o que mais nos saltou aos olhos em termos de ganho cognitivo-afetivo no sentido de atentarmos para a importância de colocar sob o holofote a voz autoral de uma Cacique Pataxó do extremo sul da Bahia, fazendo a vulnerabilidade inerente ao seu lugar de fala – por se tratar de um elemento subalternizado pelo processo histórico que nos constitui como Nação, em embate constante pela revitalização de sua língua materna, o Patxohã, – emergir enquanto imenso veemente clamor por equidade e difusor de legado digno de nota por essa Mestra do Saber. Sigamos então, após termos apresentado essa visão panorâmica, ao passo a passo, efetivamente, de nossa investida.

DUAS NOÇÕES CENTRAIS QUE SE ENTRECruzAM

O conceito de cultura, eminentemente multifacetado, pode ser definido a partir do viés da filosofia, da antropologia, da sociologia, e de vários outros ramos das ciências humanas cuja tendência patente é adotarem uma abordagem interdisciplinar, dados os objetos de estudo que escolhem explicar.

Para a filosofia, pode-se dizer que natural é o instintivo, em oposição ao que é cultural, tudo aquilo que é aprendido. Ex., comer é natural. Já o que comer é aprendido, é condicionamento. A dieta brasileira é diferente da dieta argentina. Os chineses têm hábitos alimentares distintos dos coreanos, e assim sucessivamente. Como nos ensinam Japiassu; Marcondes (2006, p. 63, *grifo nosso*)

cultura (...) 2. Tesouro coletivo de saberes possuído pela humanidade ou por certas civilizações; (...) 3. Em oposição a *natura* (natureza), a



cultura possui um duplo sentido: a. é o conjunto das representações e dos comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social. (...) b. é o processo dinâmico de socialização pelo qual todos esses fatos de cultura se comunicam e se impõem em determinada sociedade, seja pelos processos educacionais propriamente ditos, seja pela difusão das informações em grande escala, a todas as estruturas sociais, mediante os meios de comunicação de massa. (...) 4. (...) a cultura pode ser considerada como *um feixe de representações de símbolos, de imaginário, de atitudes e referências suscetível de irrigar, de modo bastante desigual, mas globalmente, o corpo social.* (...)

Para a antropologia, cultura é o conjunto de valores simbólicos de uma comunidade que diferencia o pertencimento de um membro a ela em oposição a qualquer outro grupamento comunitário. Exemplo, suicidar-se porque você fracassou em exames vestibulares para universidades de elite, ou porque sua liderança não conseguiu sustar o sofrimento de seus subordinados enquanto diretor de uma empresa no vermelho por longo tempo que foi à banca rota é visto como nobreza pelos japoneses, enquanto é considerado fraqueza/covardia/derrota/ vergonha para os ocidentais em geral. O ato, sem dúvida, tem sema positivo no Oriente, e sema bastante negativo na Europa ou na América do Norte. Afinal, como nos ensina Duranti (1997, p.42, *tradução nossa*):

A teoria de cultura enquanto uma atividade mediadora entre as pessoas e o mundo que elas habitam (mentalmente e fisicamente) é simplesmente uma extensão da noção de língua enquanto sistema mediador.

Vale dizer, se quisermos ser mais criteriosos, podemos definir o termo “cultura,” do ponto de vista da antropologia, *apud* Gusso (2008) segundo Clifford Geertz (2001 a,b), discípulo de Margaret Mead, Clyde Kluckhorn e Talcott Parsons, dentre outros, como o tema abordado pela ciência cujo



objetivo é examinar e descrever, o mais profundamente possível, o processo civilizatório pelo qual passa num dado momento do eixo do tempo uma tribo, etnia, nação, i.e., qualquer grupo de pessoas identificável sob a abrangência de um bairro, uma cidade, um estado, um país, ou ainda de um bloco continental, hemisférico ou mesmo planetário. Por estágio de processo civilizatório leia-se a consciência, os pensamentos, os valores, as crenças, os desejos, as pulsões etc. que nos permitem interpretar o papel de feixes simbólicos na vida daqueles seres humanos, seus padrões de comportamento, suas trocas verbais, e o desenvolvimento do conhecimento por eles acumulado, *passu pari* com a perpetuação da espécie, instintivamente perseguida. Enfim, a cultura enquanto manifestação de epigramas, mitos, parábolas, metáforas, expressões estéticas/artísticas que veiculem relações sociais de poder e de *status* presentes naquele núcleo humano, o traço definidor de seus eventos rotineiros, as relações entre as suas esteiras religiosas e seus modelos de ética e moral, seu grau de desenvolvimento / sua perspectiva do ponto de vista político e econômico, o sistema de símbolos, em suma, que recorra em suas relações cotidianas, determinando moldes ou formas/fôrmas de *modus operandi*, em última análise, o traço definidor por excelência da humanidade em nós.

Do ponto de vista da sociologia, cultura engloba todo o comportamento que identifica um indivíduo com um grupo específico da pirâmide de estamentos sociais, esteja ela estratificada em classes ou castas. Cultura seria a soma das ideias e práticas, e dos objetos materiais compartilhados que um dado grupo de pessoas usa para se adaptar às exigências de seu ambiente e resolver os problemas cotidianos, conforme postulam Brym *et al.* (2006). O hábito da leitura, por exemplo, é um traço característico da cultura letrada nas classes mais abastadas da população brasileira, bem



como em suas contrapartes de qualquer nação que instancie uma “língua de cultura”: que se comunique, preferencialmente, por meio de um código escrito consolidado através dos tempos. Já a perpetuação de ritos e saberes ancestrais através da oralidade marca as culturas ágrafas, não detentoras de um código escrito, e camadas sociais desprestigiadas, no caso dos Estados-Nações que corporifiquem uma dessas mesmas ditas “línguas de cultura”. Tal definição, intuitiva, encontra espelhamento na explanação desse termo técnico que elucida Johnson (2000, p. 73-74): “cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família”. O teórico prossegue sua definição, ao demarcar o conceito de “cultura” ao lado dos de “população”, “estrutura social” e “ecologia”, encarando esses 4 eixos como os pilares de sustentação da ciência humana sociológica enquanto tal.

A noção de cultura se entrelaça inerentemente com o conceito de língua, formando um *continuum* indissociável. Para a linguística, a ciência da linguagem, língua é a homologia entre forma e sentido, a maneira com que os falantes de uma certa comunidade organizam a realidade através de pareamentos estáveis de significante (forma/contraparte material) e significado (conteúdo/função): uma determinada cadeia acústica (ou de parâmetros, no caso das línguas sinalizadas, como configuração de mãos, movimento, direcionalidade etc.) está atrelada a um dado nóculo conceitual como parte de uma rede de unidades ideacionais usada para a comunicação e expressão das pessoas ao engatilhar/deslanchar/desencadear fluxos de construção de sentido em parceria entre falante-ouvinte, escritor-leitor, sinalizador-interlocutor surdo ou ouvinte utente de Libras, em se tratando do Brasil. *Vide* Fillmore (1985), Geeraerts; Cuyckens (2007), Bod (2010), Bybee; Beckner



(2010), Hermont et al. (2010), Ferrari (2011), Mendes (2008a, 2008b, 2011, 2012, 2013a, 2013b, 2015, 2016), *inter alia*. Outrossim, implicitamente, uma definição de cultura enquanto arcabouço organizador dos entrelaçamentos perceptíveis em um mosaico polinucleado (epistemologia, metafísica, sentido e referência), sob o ponto de vista da ciência da cognição, pode ser deduzida da teoria de conceitos de Peacocke (2007).

Além disso, o conceito de cultura está em constante evolução devido ao contato permanente entre os grupos étnicos, nacionais, religiosos, econômicos, ideológicos etc. que compõem a população da aldeia global atualmente, atores da civilização ocidental mundializada ou oriental americanizada. Temos, decorrente dessa constelação, o conceito de interculturalidade, cuja acepção contemporânea mais em evidência pressupõe abordar os imbricamentos entre culturas a partir de um ponto de vista de respeito mútuo entre elas, sem considerar uma superior/inferior à outra, fugindo, por conseguinte, do eurocentrismo que geraria tal tipo de preconceito no olhar, tal como, *mutatis mutandis*, Rajagopalan (2004) o faz ao defender o conceito de World English e advogar por uma linguística aplicada indisciplinar.

A QUESTÃO EMERGENTE DA PRESERVAÇÃO E/OU PERDA DA IDENTIDADE INDÍGENA PATAXÓ

Mendes (2018) compreendia as seguintes etapas: 1. Fichamento de bibliografia pertinente pelo bolsista supervisionado pelo orientador. 2. Leitura minuciosamente atenta do volume redigido pela Cacique da Reserva da Jaqueira. 3. Trabalho cuidadoso de dicionário para a tradução intercultural do livro para a língua inglesa. 4. Rodas de conversa com a Cacique e Conselho de Anciãos para esclarecimento de termos cujo significado não tivéssemos



conseguido deprender com certeza por nós mesmos. 5. Busca de editora que demonstrasse interesse em relançar, desta vez em formato bilíngue, o volume em pauta, etapa ainda em andamento².

Entretanto, uma nova dimensão surgiu à medida que fomos avançando nesse cronograma fase após fase. Já que o livro em questão pontua vez ou outra termos em Patxohã, que são explicados pela Cacique em nossa língua materna, e também traz uma página com um mini glossário com palavras e algumas sentenças traduzidas de Patxohã para o português brasileiro, e ainda o título da obra em Patxohã destacado em uma fonte maior que a usada para o seu título em vernáculo, nos veio a inquietação: em que medida os Pataxó ainda possuem uma essência indígena preservada, embora sua língua, o Patxohã, se encontre atualmente em processo de retomada? Afinal, o livro não foi escrito totalmente em Patxohã, mas faz questão de inscrever essa língua originária em sua tessitura discursiva da maneira mais contundente possível.

Esse questionamento nos levou a reuniões com estudantes indígenas do *Campus* Sosígenes Costa da UFSB, bem como a leituras de trabalhos acadêmicos de linguistas, indígenas ou não, que descrevessem essa dinâmica de revitalização da língua Patxohã em curso. Os informantes nativos Pataxó – Kauhã, Jefferson, Danilo, Marclely e Kefas – nos provaram que já conseguem, em pleno viço da sua juventude, estabelecer contato linguístico uns com os outros estritamente em Patxohã. E Pereira (2011), Bonfim (2012, 2014, 2017), e Nepomuceno (2017), ilustrativamente, nos mostram que, apoiando-se na língua irmã Maxacali, o processo de retomada do Patxohã está crescendo. Contudo,

² Dentre as editoras com as quais estamos em tratativas nesse sentido encontram-se: FUNAI, Museu do Índio, Instituto Socioambiental, Thydêwá e congêneres.



como a língua Patxohã historicamente foi quase extinta, a gramática dessa dinâmica de retomada tem frequentemente seguido as regras do português. Ex.: em vez da ordem SOV (sujeito objeto verbo), como no Maxacali, tem sido usada a ordem SVO (sujeito verbo objeto) como no português europeu ou sul-americano.

Porém, mesmo ainda que de forma incipiente, o processo de retomada segue vigoroso, e mais e mais crianças e jovens se interessam pela língua Patxohã na Reserva da Jaqueira e na Aldeia Velha em Coroa Vermelha e em todo o território do Sul e Extremo Sul da Bahia.

Pereira (2011) aborda o bidialetalismo Português/Patxohã nos materiais didáticos utilizados nas aldeias Pataxó do extremo sul da Bahia. A monografia apresenta o histórico movimento de resistência do povo Pataxó, contrário à aculturação pelo convívio involuntário com o branco desde 1500, e mostra como, pouco a pouco, a língua Patxohã vai sendo inserida nas cartilhas das escolas indígenas e percebida pelos nativos dessa etnia como um dos pilares fulcrais de sua identidade. O léxico é o ponto de partida em que esse movimento de revitalização se apoia. E, à medida que essa agenda avança, vai encampando também outras esferas da língua, como a morfologia, a sintaxe e a semântica. Pereira (2011, p. 59) resume:

O povo Pataxó, que teve grande parte de sua língua e cultura destruída pelos contatos interétnicos, sentiu a necessidade de pesquisar os resquícios linguísticos do Patxohã e hoje colhe alguns resultados. Atualmente, a etnia conseguiu restaurar parcialmente a língua de seus antepassados, em grande parte o léxico. Essas conquistas são motivo de orgulho da comunidade, principalmente para os jovens, que têm a chance de conhecer a história de seu povo. A reconstituição da língua tem contribuído para a autoimagem positiva da comunidade. Para os Pataxós essa luta iniciou em 1998. Desde então essa língua passou a ter mais expressão para aqueles Pataxós que ignoravam os



bens culturais indígenas, devido ao preconceito histórico de regionais que sempre os marginalizaram. Com o processo de restituição da língua, e esta sendo ensinada nas escolas como bem de grande valor para a reafirmação da identidade, cresceu o orgulho de ser Pataxó. A escola em uma comunidade indígena tem contribuído para a alteridade do grupo, pois esta é gestada pelos próprios índios que conhecem e vivem a história de seu povo.

Nepomuceno (2017) demonstra o vigor dessa virada identitária do povo Pataxó, ao nos revelar um portal *online* que resgata conhecimentos preservados pela cultura dessa etnia ao longo dos anos, e também movimentos recentes variados de perpetuação de traços culturais ancestrais próprios dos Pataxó, como língua, danças, artesanato, culinária, pinturas corporais, ritos tais como o casamento típico etc. Como sintetiza Nepomuceno (2017, p. 6):

(...) o trabalho buscou identificar as memórias dos povos indígenas Pataxó de Porto Seguro/BA, a fim de contribuir para a construção de um portal sobre cultura, território e identidade desses povos. (...) [M]esmo depois de mais de quinhentos anos de colonização, e desrespeito com os direitos dos povos indígenas, as tímidas iniciativas do governo para suprir as suas necessidades infelizmente não atendem o mínimo da expectativa desses povos. As grandes dificuldades percebidas por esses sujeitos, sejam de caráter social, territorial ou sustentável, favoreceram ao longo de todos esses anos um grande processo de aculturação. Ainda assim, o ecoturismo praticado na região vem, mesmo que de forma espetacularizada, favorecendo a sobrevivência das comunidades locais, e até mesmo a manutenção de suas tradições e a proteção de seus territórios.

O portal eletrônico gratuito consta de 7 páginas: 1. Notícias. 2. Acervo cultural (dados repassados pelas lideranças sobre artesanato, celebrações, como, ex. o Awê – festividade de dança e música típicas – comidas e bebidas, formas de habitação, história e narrativas, jogos e brincadeiras, língua



Patxohã, lugares relevantes, medicina tradicional, pesca, pinturas, rituais, cantos e danças) 3. Terras indígenas. 4. Indígenas na visão dos indígenas. 5. Pataxós no extremo sul da Bahia. 6. Organização social e política e 7. Seja colaborador! Além disso, são evidenciadas no portal 3 abas principais: Educação, Cultura, e Resistência, todas de importância autoexplicativa.

Já Bonfim (2012, 2014, 2017) foca estritamente na retomada linguística do Patxohã. O processo também é conhecido como revitalização da língua tradicional da etnia. Hoje já existe um glossário compilado do Patxohã com mais de 2.500 vocábulos! E para vários estudiosos, mesmo que essa revitalização se apoie na estrutura linguística do português, notadamente, a ordem SVO, em vez da ordem SOV, que existe, como já observado, na sua língua irmã, o Maxacali, pode-se, sim, dizer que a revitalização da língua dos Pataxó está vigorosamente em pauta.

Nesse sentido, Bonfim e Costa (2014, p. 31-32, *grifos no original*) atestam:

Os Pataxó são falantes do português local e da **língua pataxó** (...) [que] sobreviveu através de palavras identificadas na fala, na música e na memória de alguns mais velhos. Na classificação das línguas indígenas proposta por Rodrigues (1994), (...) pertence à família Maxacali, tronco Macro-Jê. (...)

O processo de revitalização ou retomada da língua entre os Pataxó não é um caso recente, mas um processo coletivo que tem a contribuição dos *mais velhos* e se fortalece com a geração mais nova. Entre os mais velhos, destacamos *os línguas*, aqueles que eram considerados pelos Pataxós como os que sabiam *cortar língua*, ou seja, sabiam conversar na língua um com o outro. (...)

Um processo de revitalização ou retomada de uma língua não se dá somente no espaço escolar, mas no caso dos Pataxó, essa instituição foi uma importante aliada. Já faz anos que os Pataxó vêm desenvolvendo esse trabalho, e o Patxohã, nesse novo contexto de ressignificação, ainda não atingiu o grupo em sua totalidade. (...) O envolvimento de toda a comunidade é um desafio para o grupo, mas o trabalho dos professores de Patxohã nas aldeias aos poucos tem ganhado força



e obtido resultados positivos na escola e na comunidade, (...) nas atividades culturais, ou seja, nas músicas, que antes eram quase sempre em português e hoje são cantadas em Patxohã, nas conversas, principalmente dos jovens, até mesmo nos bate-papos do *Facebook*. Outro fator relevante foi a escolha dos nomes das crianças: os pais passaram a colocar valorizando a língua indígena.

E Bonfim (2017, p. 23-24) reforça:

Para muitos linguistas, a revitalização de línguas consideradas “extintas” seria quase impossível. Contudo, nessas últimas décadas, tem surgido uma forte demanda por parte de vários povos para “retomar” suas línguas, através da pesquisa documental e da memória dos mais velhos. (...) O trabalho de retomada linguística, nos Pataxó, é um exemplo de força e mobilização (...)! [É] importante ressaltar as práticas comunicativas de alguns mais velhos, principalmente os “língua”, que contribuíram para que o Patxohã não viesse a ser esquecido por completo, assim como a iniciativa dos jovens pesquisadores pataxó, que conduziram um projeto de estudo da língua de maneira autônoma. A não interferência de linguistas [não parentes] foi uma decisão do grupo de pesquisadores pataxó, que queriam tomar a frente desse processo. (...) A aprovação por parte do Conselho de Caciques Pataxó reconheceu a relevância do trabalho desenvolvido pelos pesquisadores indígenas. (...) As lideranças tiveram um papel essencial apoiando o ensino do Patxohã nas escolas, o que contribuiu para a contratação de professores pataxó pelas secretarias municipais e estaduais de educação. Isso também não seria possível se não houvesse motivação por parte dos parentes nas aldeias em aprender e incentivar os professores de cultura e língua nas escolas e em outros espaços de aprendizagem da língua. Podemos afirmar que a língua pataxó não é uma língua morta como muitos dizem por aí. Através desse processo de sua retomada, o Patxohã se fortalece, agora com os “línguas” deste tempo presente, para continuar a repassar aquilo que os mais velhos deixaram para a geração mais nova.

Cumpramos observar que os autores supracitados, sejam indígenas ou indigenistas não parentes, i.e., não indígenas de sangue, mas de coração,



reverberam a pertinência da transmissão, seja oral, seja escrita, da cultura dos antepassados aos membros mais jovens da etnia, tão vital para o manutenção da identidade de povos utentes de línguas ágrafas quanto o é para nós, das línguas dotadas de código escrito, registrar tudo em livros, cartas, memoriais, anotações quaisquer... conforme preconiza Souza (2016). Nosso texto reverbera ainda, direta ou indiretamente, outras publicações da Revista Policromias cujo escopo recai sobre a questão indígena: Baalbaki e Andrade (2016), Santos (2017), Benevides e Ventura (2020)... Além de fazer ressoar também a mensagem difundida no Periódico por Oliveira e Costa (2021), cuja pesquisa-ação resume tão bem o quanto na contemporaneidade brasileira, nordestina, baiana, pulsa a reconstrução permanente do Ser Pataxó através da retomada/revitalização brava e aguerrida da língua Patxôhã, notável e indiscutivelmente em curso.

Considerações finais

Neste texto, olhamos para um projeto recente de orientação de iniciação científica a um estudante de graduação da UFSB, Ítalo Novais Rocha Rodrigues, Mendes (2018), resgatando de que maneira sua implementação conferiu uma visibilidade maior à voz autoral da Cacique Nytnawã Pataxó. Adicionalmente, mostramos de que forma essa empreitada nos fez deparar com a temática do estado atual da identidade indígena Pataxó, delimitando-a, ao mesmo tempo em que a reiteramos através da nossa própria empreitada.

Revisamos, assim, as linhas mestras da investida e o modo como ela foi colocada em prática, costurando o *continuum* língua-cultura em suas várias manifestações sócio-antropológico-etnográficas com a valorização mútua entre as nações que o conceito de interculturalidade invariavelmente



pressupõe. E desaguamos na questão da essência do ser Pataxó, que não fora cogitada inicialmente quando propusemos Mendes (2018).

Após termos orientado o bolsista de iniciação científica Ítalo Rodrigues no fichamento de textos teóricos pertinentes, termos realizado o trabalho cauteloso de dicionário para traduzir o volume redigido em português do Brasil pela Cacique Nytnawã para o inglês língua internacional, e termos promovido rodas de conversa com ela e outros anciãos do Conselho da Reserva da Jaqueira para esclarecer o significado de termos/vocábulos que desconhecíamos mesmo em português e que não encontrávamos listados nos dicionários a que recorrêssemos, ficou claro para nós o papel da língua-cultura Patxohã-Pataxó em bidialetalismo com o português brasileiro falado pela Autora e sua Gente. Concluímos que o processo de retomada linguística do Patxohã constitui-se num elemento essencial para a preservação da identidade étnica do povo Pataxó. Mediante o bilinguismo Português/Patxohã, o traço identitário da cultura dos Pataxó se fortalece a cada dia à medida que o Patxohã vai sendo mais e mais revitalizado. A reflexão que o artigo traz questiona, se quisermos, a produção acadêmica sob 2 aspectos: de um lado problematiza o papel do tradutor face a uma cultura que foi colonizada, e de outro lado apresenta o processo tradutório referente a uma língua sob o risco de extinção, porém sendo reavivada/reconstruída/retomada/revitalizada energeticamente. Corolário, de acordo com o funcionalismo de Christiane Nord (2013) e seguidores, faz surgir na tradução para o inglês desse excerto da biografia languageira da Cacique em que focamos a força de sua constituição identitária a partir do percurso tradutório de tal fala para a língua franca da aldeia global mundializada hoje. Afinal, como aponta Macedo (2006, p. 11, *tradução nossa*):



A globalização e a hibridização da cultura diaspórica nos nossos mundos pós-modernos e pós-coloniais têm tornado mais premente a necessidade de repensar a questão da identidade cultural sob novos parâmetros, fora das fronteiras de um monolinguismo virtual.

REFERÊNCIAS

BAALBAKI, A. C. F.; ANDRADE, T. de S. Plurilinguismo em cena: processo de institucionalização e de legitimação de línguas indígenas. **Policromias**, Ano I, 2016, p. 69-87.

BAKER, M. Narrative analysis and translation. In: MALMKJAER, K. (Ed.). **The Routledge Handbook of Translation Studies and Linguistics**. London/New York: Routledge, 2018. p. 179-193.

BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (eds.). **Post-Colonial Translation: theory and practice**. London: Routledge, 1999.

BENEVIDES, F. A. B.; VENTURA, A. O sentido das palavras ‘Índio’ e ‘Língua Portuguesa’ em um livro didático do ensino fundamental. **Policromias**, v. 5, n. 3, 2020, p. 256-293.

BOD, R. Probabilistic linguistics. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. 2010. p. 633-662.

BONFIM, A. **Patxohã, Língua de Guerreiro**: Um estudo sobre o processo de retomada da língua pataxó. Salvador: UFBA, 2012.

_____. Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente. In SANTOS, J. (Org.). **Discutindo Etnicidades**: alimentação, afro-religiosidade, percursos intelectuais negros, política linguística e adornos corporais indígenas. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 129-166.



_____ Patxohã: A retomada da língua do povo Pataxó. **Revista Lingüística**, vol. 13, n. 1, 2017, p. 303-327.

_____ ; COSTA, F. Revitalização de língua indígena no sul da Bahia. In: BONFIM, A.; COSTA, F. (Orgs.). Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva. **Egba**, 2014, p. 13-38.

BRYM, R. *et al.* (Orgs.). **Sociologia**: Sua bússola para um novo mundo. Thomson Learning, 2006.

BUDEN, B. *et al.* Cultural translation: an introduction to the problem, and responses. **Translation Studies**, 2:2, 2009, p. 196-219.

BYBEE, J. L.; BECKNER, C. Usage-based theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. 2010. p. 827-855.

DEMEURT, A. Language, culture and society. In: ALLAN, K. (ed.). **The Oxford Handbook of the History of Linguistics**. 2013. p. 655-673.

DURANTI, A. **Anthropological Linguistics**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

FAGUNDES, J. **Tenda dos Milagres / Tent of Miracles**. A tradução como um processo de mediação cultural. TCC. Bacharelado em Letras Tradução Inglês. UFJF. 82 fls., 2001.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica** 6, 1985, p. 222-254.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. 2007.



GEERTZ, C. Paisagem e acidente: uma vida de aprendizagem. In: **Nova Luz sobre a Antropologia**. RJ: Jorge Zahar, 2001a. p. 15-29.

_____ O estranho estranhamento: Charles Taylor e as ciências naturais. In: **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b. p. 131-142.

GENTZLER, E. **Contemporary Theories of Translation**. 2nd revised edition. Multilingual Matters, 2001.

GOMES, L. **Questões Lingüístico-Culturais, Ideológicas e Tradutórias no Contexto da Jovem Guarda**. TCC. Bacharelado em Letras Tradução Inglês. UFJF, 61 fls., 2014.

GUSSO, H. **Processos Comportamentais Identificados nas Noções de ‘Cultura’ na Antropologia**. Relações entre Conceitos Básicos de Análise do Comportamento e Fenômenos Sociais. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, UFSC, 2008.

HATJE-FAGGION, V. et al. (Orgs.) **Tradução e Cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HERMONT, A.; ESPÍRITO-SANTO, R.; CAVALCANTE, S. (Orgs.). **Linguagem e Cognição**. Diferentes perspectivas. De cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010.

HINOJOSA, F.; LIMA, R. **A Tradução como Estratégia de Interculturalidade no Ensino de Língua Estrangeira**. Biblioteca Online de Ciência da Comunicação, 2008.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, L. (Ed.) **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000. p. 113-118.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Cultura**. In: **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 63.



JOHNSON, A. **Culture. The Blackwell Dictionary of Sociology.** A User's Guide to Sociological Language. 2nd. edtn. London/New York: Blackwell, 2000. p. 73-74.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1974.

LEITE, Y. U. F. *et al.* (Orgs.). **Narrativas (Auto)Biográficas em Diálogos:** políticas, formação e práticas. Curitiba: CRV, 2019.

MACEDO, A. G. **Identity and cultural translation:** an introduction. In: MACEDO, A. G.; PEREIRA, M. E. (Eds.). **Identity and Cultural Translation:** writing across the borders of Englishness. Oxford/Bern: Peter Lang, 2006. p. 11-18. Vol. 15 (series European Connections).

MASON, I. Communicative/functional approaches. In: BAKER, M.; MALMKJAER, K. (Eds.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies.** London/New York: Routledge, 2005. p. 29-33.

MATOS, F. G. de. Resenha de NIDA, E. (1993). **Language, Culture and Translating.** Shanghai Foreign Language Education Press, 208 p. **TradTerm** 2, 1995, p.105-107.

MAXIMIANO, M. **O Brasil de Tom Jobim na Voz de Frank Sinatra:** um estudo sobre tradução, música e cultura. TCC. Bacharelado em Letras Tradução Inglês. UFJF, 167 fls., 2012.

MELO, N. **Texto e Contexto na Construção de Sentidos:** a tradução na sala de aula de língua estrangeira. Dissertação (Mestrado), UFSC, 2012.

MENDES, V. S. **The Semantics-Pragmatics of Route Directions:** Unveiling the complexity inherent to a subfield of a German language-and-thought backstage spatial cognition. Hamburg University PhD Dissertation. Verlag Doktor Müller, 2008a.



_____ O *continuum* iconicidade-convencionalidade em libras, japonês e português do Brasil sob o ponto de vista da cognição social. **Anais do I Conlid Colóquio Nacional de Linguagem e Discurso**. UERN, Mossoró, RN, 2008b.

_____ Spatial “metametaphors” concerning life: a cognitive holistic approach. **Veredas**, vol. 15, 2011, p. 1-11.

_____ Marcuschian narrow roads through the Brazilian cognitive forest. In: MOTA, M. *et al.* (Orgs.). **Proceedings of the V International Conference Linguistics and Cognition – Minds in Interaction**. SC: UFSC, 2012. p. 155-161.

_____ Essa roubalheira em Brasília, ninguém merece! Análise sociocognitivista de uma construção sintática. **Moara**, 36, 2013a, p. 115-127.

_____ Epistemologia, léxico e ciência da cognição sob o ponto de vista da Lingüística Computacional. In GOMES, M.; ROAMI, G. (eds.). **Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade**. Editora da UFV, 2013b. p. 42-61.

_____ Frame semantics and an EFL context in Brazil: An essay on the case for epistemological gains of an applied cognitive linguistics enterprise. **Prolingua**, vol. 10, 2015, p. 56-67.

_____ On the fictive interaction quality of written route directions. **Intersecções**, ano 9, n. 2, 2016, p. 251-264.

_____ **Tradução do livro da Cacique da Reserva da Jaqueira para o inglês enquanto janela para a interculturalidade**. Projeto de pesquisa submetido ao edital 15/2018 da Pró-Reitoria de Gestão Acadêmica. UFSB, manuscrito inédito, 2018.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies**. 4th edition. London: Routledge, 2016.



NEPOMUCENO, V. **Portal Pataxó**: Contribuições a partir das memórias de indígenas de Porto Seguro, BA. Dissertação (Mestrado em Gestão de Tecnologias Aplicadas à Educação), UNEB, 2017.

NORD, C. **Text Analysis in Translation**: Theory, methodology and didactic application of a model of translation-oriented text analysis. Translated by C. Nord; B. Sparrow. Rodopi, 1991.

_____ Translation as a process of linguistic and cultural adaptation. In: DOLLERUP, C.; LINDEGAARD, A. (Eds.). **Teaching Translation and Interpreting 2**. John Benjamins, 1994. p. 59-67.

_____ **Conference: Translating as a purposeful activity**. A prospective approach. **TradTerm**, v. 11, 2005, p. 15-28.

_____ Functionalism in translation studies. In MILÁN, C.; BARTRINA, F. (Eds.). **The Routledge Handbook of Translation Studies**. London/ New York: Routledge, 2013. p. 201-212.

OLIVEIRA-AGRA, K. **A Integração da Língua e da Cultura no Processo de Tradução**. Biblioteca Online de Ciência da Comunicação, 2007.

OLIVEIRA, C. M. de; COSTA, F. V. F. da. Voos na sabedoria: O ensino do Patxôhã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. **Policromias**, v. 6, n. 2, 2021, p. 461-484.

PASSEGGI, M. da C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de. (Orgs.). **Pesquisa (Auto)Biográfica**: Narrativas de Si e Formação. Curitiba: CRV, 2013.

PATAXÓ, N. **As Guerreiras na História Pataxó**. Museu do Índio/FUNAI, 2011.

PEACOCKE, C. Theories of concepts: A wider task. In: BRANQUINHO, J. (Ed.). **The Foundations of Cognitive Science**. Oxford University Press, 2007. p. 157-181.



PEREIRA, J. **O Bidialectalismo nas Escolas das Aldeias Pataxós: Análise da inserção da língua Patxohã nos materiais didáticos produzidos pelos educadores.** TCC UNEB Campus X, 63 fls., 2011.

RAJAGOPALAN, K. The concept of World English and its implications for ELT. **ELT Journal**, 58.2, 2004, p. 111-117.

_____ Culture as an experience of identity formation in foreign language learning. **Policromias**, ano III, 2018, p. 11-20.

RODRIGUES, A. **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas.** Loyola, 1994.

SANTOS, M. **For a New Geography.** Translated by Archie Davies. M. Santos (1978). **Por uma Geografia Nova: da Crítica à Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: EDUSP, Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2021.

SANTOS, R. C. Freyreiss e os Índios. **Policromias**, ano II, 2017, p. 153-175.

SIQUEIRA, S; BARROS, K. Por um ensino intercultural de inglês como língua franca. **Estudos Linguísticos e Literários**, UFBA, 2:48, 2013, p. 5-39.

SOUSA-SANTOS, B. de. Para além do pensamento abissal – Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP** 79, 2007, p. 71-94.

SOUZA, T. C. Línguas indígenas: memória, arquivo e oralidade. **Policromias** v. 1. n.1, 2016, p. 36-55.

TRIVEDI, H.; MENDES, V. S. Traduzindo cultura vs. tradução cultural. Tradução de 'Translating culture vs. cultural translation', de H. TRIVEDI, 2007, no livro **Translation – Reflections, Refractions, Transformations.** Benjamins Translation Library 71. **Cadernos de Tradução**, vol. 39, n. 3, 2019, p. 578-594.



VALENTE, M. Tradução: mais que um processo entre línguas, uma ponte para transmissão de capital cultural. **Raído**, vol. 4., n. 7, 2010, p. 323-332.

VIANA, A. L. T. As interfaces e contribuições entre a Linguística Cognitiva e os Estudos da Tradução. Resenha de ROJO; A.; IBARRETXE-ANTUÑANO, I. (Orgs.). **Cognitive Linguistics and Translation: advances in some theoretical models and approaches**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2013. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 46, 2021, p. 157-165.

WARSCHAUER, M. The changing global economy and the future of English Teaching. **TESOL Quarterly**, vol. 34, n. 3, 2000, p. 511-535.